

**A METAMORFOSE CLÍNICA:  
a emergência de Kafka para a psicoterapia contemporânea**

**CLINICAL METAMORPHOSIS:  
Kafka's emergence for contemporary psychotherapy**

Gabriel Barth da Silva<sup>1</sup>

**RESUMO**

O presente trabalho pretende, a partir de uma contextualização de características que compõem o panorama das psicoterapias ocidentais contemporâneas, se apropriando do exemplo da Psicologia Positiva, debater os perigos de intervenções psicoterápicas que anulam o olhar sobre o sofrimento do sujeito. Para isso, é abordada a obra *A Metamorfose*, de Franz Kafka, enquanto uma narrativa com diversos potenciais de debate e de leituras para estabelecer diálogos sobre a importância do diálogo sobre o sofrimento e as transformações do sujeito que o vivencia, apresentando leituras possíveis da Fenomenologia e da Psicanálise para demonstrar outras formas de dialogar com casos de pacientes que buscam a psicoterapia. Espera-se, com o presente trabalho, fomentar debates acerca da instrumentalização de imagens e narrativas da literatura para a abordagem de casos clínicos contemporâneos, além de recuperar a importância de uma leitura crítica sobre o sofrimento contemporâneo na clínica em Psicologia.

**Palavras-chave:** Psicoterapia. Sofrimento. Literatura. Fenomenologia. Psicanálise.

**ABSTRACT**

The present work intends, from a contextualization of characteristics that make up the panorama of contemporary Western psychotherapies, appropriating the example of Positive Psychology, to discuss the dangers of psychotherapeutic interventions that nullify the view on the subject's suffering. For this, Franz Kafka's *The Metamorphosis* is approached as a narrative with different potential for debate and readings to establish dialogues about the importance of dialogue about suffering and the transformations of the subject who experiences it, presenting possible readings of Phenomenology and Psychoanalysis to demonstrate other ways of dialoguing with cases of patients who seek psychotherapy. It is hoped, with the present work, to foster debates about the instrumentalization of images and narratives from literature to approach contemporary clinical cases, in addition to recovering the importance of a critical reading of contemporary suffering in clinical psychology.

**Keywords:** Psychotherapy. Suffering. Literature. Phenomenology. Psychoanalysis.

---

<sup>1</sup> Bacharel em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (2019), Mestre em Sociologia pela Universidade do Porto - Portugal (2022). Atua principalmente em temas envolvendo estudos culturais. Vinculação institucional com a Universidade do Porto. E-mail: gabrielbarths@gmail.com.

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca, a partir de um olhar crítico acerca de práticas profissionais de psicoterapia contemporânea, dialogar como a obra *A Metamorfose*, de Franz Kafka (2001), surge enquanto um instrumento possível para diálogo sobre fenômenos que envolvem o sofrimento de sujeitos que buscam psicoterapia. Essa proposta surge como uma tentativa de aproximação transdisciplinar nas Ciências Humanas, no presente caso dispondo de estudos de Psicologia, da Literatura e da Semiótica.

Para a compreensão das dinâmicas contemporâneas de abordagens psicoterapêuticas, é escolhido como exemplo um modelo relativamente recente, nomeadamente, a Psicologia Positiva (PP), se utilizando, para sua compreensão, do estudo de mapeamento de Rusk & Waters (2013), centrando a leitura crítica da narrativa de *A Metamorfose* a partir, principalmente, da produção de Reppold *et al.* (2019) e Prieto-Ursúa (2006). Enquanto isso, para debater o texto de Kafka, foram selecionados os trabalhos de Carone (2007), Castro & Leão (2020), Freire & Zeferino (2020) e Merçom (2010).

Para o diálogo do trabalho de Kafka com pressupostos críticos da Psicologia, foram escolhidos, no campo da Fenomenologia, os trabalhos de Minkowski (2000, 2004) e Freitas (2013), e, no campo da Psicanálise, foi delimitado o trabalho de Kehl (2015) sobre Depressão. Espera-se com o presente trabalho que seja promovida uma reflexão crítica acerca da atuação do psicólogo na contemporaneidade.

## A PSICOTERAPIA DA MELHOR VERSÃO DE SI

Um movimento contemporâneo no campo da Psicologia, que capta características próprias das dinâmicas estruturais sociais e econômicas em que esse campo do saber está inserido, pode ser identificado a partir da Psicologia Positiva. Rusk & Waters (2013) definem o campo enquanto uma proposta de abordagem psicológica que enfoca nas forças, virtudes, condições benéficas e processos que contribuem para o bem-estar e o funcionamento positivo de indivíduos, grupos e instituições. Na época da publicação, os autores ressaltaram como, em 15 anos, a PP cresceu em diversas escalas, como alcance, impacto e profundidade, ganhando notoriedade em diversos campos do saber, em uma busca coletiva de um funcionamento positivo. Prieto-Ursúa (2006) ressalta que o pressuposto em que a Psicologia Positiva surge, que seria o de que, desde a Segunda Guerra Mundial, a Psicologia estaria apenas focada no

sofrimento e nos aspectos negativos ou patológicos do ser humano, sendo o diferencial da PP exatamente essa inversão para essa valorização.

Reppold *et al.* (2019) ressaltam como esse modelo psicológico foi impulsionado pelo momento histórico de sua criação, em que a virada do século XX para o XXI gerou uma reflexão de aspiração generalizada para si e para o mundo, que observava um aumento dos índices de adoecimento mental no Ocidente em geral. Esse debate, em conjunto com o advento das redes sociais, contribuiu para a expansão da PP, “em uma cultura de supervalorização de afetos positivos, nem sempre reais” (2019, p. 334).

Aprofundando esse debate, Reppold *et al.* (2019) reiteram como “felicidade, bem-estar, gratidão, florescimento, resiliência, autorregulação e inteligência emocional, por exemplo, foram, por vezes, encapados em livros de autoajuda e práticas de desenvolvimento pessoal ou *coaching*” (2019, p. 335), confundindo debates científicos do campo científico com uma literatura de apresentação prescritiva sem avaliação de sua validade. Nesses casos, os trabalhos por vezes são realizados por pessoas sem formação e sem comprometimento científico, desconsiderando efeitos negativos da prática.

Além disso, Reppold *et al.* (2019) ressaltam como os estudos da PP ganham visibilidade em campanhas de *marketing*, reiterando um discurso de que “a busca da felicidade é o maior objetivo da existência humana e um valor a ser alcançado. Nessa perspectiva, a felicidade é concebida como uma condição fugaz, volátil e personificada” (2009, p. 335). Transforma-se, portanto, a busca da felicidade enquanto um produto utilitarista, além de responsabilizar o sujeito sobre sua necessidade de busca desse modelo de bem-estar. Nesse contexto, a expansão da PP, “sem compromisso com seus efeitos, permite afirmar que o uso generalizado de técnicas envolvendo construtos positivos de forma descontextualizada e acrítica, sem estudos científicos, produz consequências que se estendem ao campo da ética” (2009, p. 340).

É debatido por Ríos (2008) como a Psicologia Positiva centra sua prática nos recursos psicológicos de que o sujeito se utiliza para viver e alcançar a felicidade, algo que pode facilitar a instrumentalização de avaliação de forças humanas. Porém, como o autor resalta, esse olhar totalizado no otimismo não necessariamente traz novas soluções para problemas existenciais, sejam eles previamente trabalhados por autores ocidentais ou orientais, resultando em uma abordagem que se reveste de uma novidade, mas que, não necessariamente, na realidade, se traduz dessa forma ao analisar os potenciais de outras abordagens da Psicologia.

Prieto-Ursúa (2006) questiona o paradigma de que as emoções positivas devem sempre ser o objetivo de processos psicoterapêuticos, pois a alegria pode, em alguns casos, se

manifestar de forma defensiva sobre o enfrentamento de adversidades da vida, gerando uma evitação em relação à realidade social na qual o sujeito está inserido. Além disso, rejeitar os aspectos negativos da vida e de si, além de impedir de gerar a si mesmo um sofrimento que possa levar à sensibilidade e à solidariedade para engajar-se na transformação da condição atual, pode gerar implicações morais exatamente na evitação da responsabilidade inerente que advém da vida em sociedade. É também ressaltado pela autora como a eterna busca por emoções positivas pode gerar uma trivialização desse sentimento, tomando-o como o único necessário e possível, tornando-a tirânica, em que sua ausência é insuportável, havendo uma contínua expectativa e demanda sobre atitudes positivas a qualquer momento e a qualquer preço.

Nessa via, Prieto-Ursúa (2006) reitera como a PP gera uma simplificação generalizada sobre a experiência humana, percebendo apenas uma parte da realidade, moralizando abordagens psicológicas que busquem que o sujeito se depare com a complexidade que compõe sua condição intra e interpessoal. Mesmo levando aos extremos os pressupostos da abordagem, a autora ressalta como deve-se manter atento sobre pressupostos que se apresentam apenas inofensivos, pois podem exatamente defender práticas que são apropriadas estruturalmente por dinâmicas opressoras de modos de ser para uma alienação da complexidade que constitui a realidade cotidiana.

Partindo da proposta de Cuéllar (2017), torna-se possível elucidar a importância de reivindicar uma postura continuamente crítica e emancipatória na Psicologia em um contexto neoliberal. Como o autor ressalta, atualmente é possível perceber diversas atitudes de psicólogos que auxiliam na produção de um sujeito caracterizado como autônomo, auto liberal e flexível que, por sua vez, exatamente realiza os ideais neoliberais de atomização individualista, centrando em características de competência e de instabilidade. Nesse contexto, portanto, é possível identificar práticas profissionais que geram uma normalização de padrões produtivistas capitalistas no sujeito que busca a clínica em psicoterapia, necessitando, de forma emergencial, de uma reflexão crítica da categoria profissional com sua posição ética e sua responsabilidade social.

É reiterado por Cuéllar (2017) como se trata o indivíduo enquanto alguém que vive para manter ativo o sistema econômico no qual ele está inserido, sendo uma vida mercantilizada, em uma contínua competição e em uma demanda contínua de manter-se bem, que se traduz em manter-se apto para produzir da forma mais eficaz possível. Esse processo é abordado por Cambaúva & Silva Júnior (2005), que ressaltam como a falta de referências, a partir do

isolamento social contemporâneo, é fator que leva à adoção dos valores sociais normatizados estruturalmente, gerando uma conjuntura que

[...] propicia a entrada dos indivíduos em um estado depressivo, posto que favorece uma regressão narcísica e a adoção de um caráter depressivo, isso porque se encontram desamparados pelo meio social, que cobra autossuficiência e desapego do próximo bem como os culpabiliza pelo fracasso, e tem na força impessoal e incerta do mercado o motor regente do destino das pessoas (CAMBAÚVA; SILVA JÚNIOR, 2005, p. 534).

Nessa dinâmica, Cambaúva & Silva Júnior (2005) reiteram como “fatores histórico-sociais não só são constitutivos do psiquismo como também colaboram para o aparecimento de patologias” (2005, p. 534). Portanto, avaliar criticamente a estrutura na qual a teoria psicológica está inserida e se desenvolve é essencial para a realização de um processo psicoterapêutico que não sirva apenas para reificar o sujeito na sua relação com a estrutura social em que coexiste e vivencia seus afetos diariamente. Nessa dinâmica, ressalta-se a necessidade de compreender a função que do sofrimento que leva à busca da psicoterapia, não buscando eliminá-lo, mas compreendendo sua gênese e sua comunicação na dinâmica com o próprio sujeito.

Partindo desses pressupostos, a seguir será apresentada a narrativa explorada por Franz Kafka em *A Metamorfose*, dispondo de alguns de seus potenciais interpretativos para, então, seguir a uma análise a partir dos referenciais teóricos apresentados na introdução, para, por fim, propor como a imagem e os personagens elaborados na produção literária do autor permitem debater os tópicos dispostos na presente seção.

## **A METAMORFOSE E SUAS LEITURAS POSSÍVEIS**

*A Metamorfose* de Kafka (2001) é um de seus poucos trabalhos literários publicados em vida e, ao ser escrito em 1912, quando tinha 29 anos, veio a ser um de seus contos mais emblemáticos. Na obra, o autor descreve o protagonista da narrativa, um caixeiro viajante chamado Gregor Samsa que trabalha para sustentar sua família (seus pais e sua irmã), que, ao acordar em um dia cotidiano, percebe-se transformado em um inseto monstruoso, descrito e correlacionado em geral como uma barata de tamanho humano. É narrado como Gregor, ao acordar, apenas percebe e descreve-se em seu novo corpo, não tanto preocupado com ela, centrando-se seu pensamento no seu atraso para o trabalho no mesmo dia.

Kafka (2001) descreve como seu atraso para o trabalho naquele dia gera uma grande preocupação em sua família, que não entra em seu quarto, mas continuamente bate em sua porta

o lembrando de seus compromissos com o trabalho, chegando, inclusive, um superior seu em sua casa para o obrigar a ir para o trabalho. Mantendo em todo esse ínterim sua consciência humana, apesar de sua voz estar transformada em um som monstruoso pela metamorfose, Gregor consegue se levantar e abrir a porta, assustando o oficial de seu trabalho e fazendo com que seu pai avance contra ele para o fechar no quarto, sendo demitido como resultado desse processo e sendo rejeitado por sua família, sendo apenas, em um primeiro momento, cuidado pela sua irmã, que lhe trazia alimentos que trariam prazer para uma barata, diferentemente de um humano.

Fechado em seu quarto, Kafka (2001) ressalta como Gregor ouve sua família discutir sobre como se sustentar após perder sua única fonte de renda, que advinha do trabalho do caixeiro viajante, gerando grande angústia no protagonista. Sua irmã, Grete, ao entregar a comida de Gregor, vê que há uma demanda de seu irmão em andar pelas paredes, faltando-lhe espaço, o que resulta em sua mãe e ela tirarem todos os móveis do quarto para isso, restando apenas um quadro que o metamorfoseado deseja que permaneça, para não perder sua humanidade completamente, ficando sobre ele, resultando em um grande susto em sua mãe e irmã ao retornarem ao quarto, pois, toda vez que alguém entrava no quarto, Gregor escondia-se sob um móvel. Nesse evento, Gregor foge do quarto, deparando-se com seu pai que o ataca com maçãs, ferindo suas costas e fazendo-o desmaiar.

Com o passar do tempo, a família decide alugar um quarto da casa para ter uma fonte de renda e, como Kafka (2001) aborda, um dia a mãe esquece aberta uma fresta da porta que ligava a sala ao quarto de Gregor, resultando que, um dia, ao ouvir sua irmã tocar violino, o irmão segue a música, fazendo com que um dos inquilinos o veja e comece a gritar. Esse evento transforma a percepção de Grete sobre seu irmão, percebendo-o como um monstro e chegando à conclusão de que devem se livrar dele. Com o passar do tempo, as maçãs do ataque de seu pai ainda nas costas de Gregor começam a apodrecer, gerando a morte de Gregor. Ao morrer, sua família sai da casa feliz, vendo uma esperança de comprar uma casa mais confortável.

A narrativa, como Carone (2007) ressalta, permite adentrar nas reações da família e do próprio protagonista a partir de um evento definitivo, em que a metamorfose não é um pesadelo de que se pode acordar, mas o próprio personagem desperta, iniciando seu pesadelo, se apresentando enquanto um fato com que se deve conformar. O narrador do enredo é impessoal, que confirma a ocorrência da metamorfose, não sendo uma ilusão dos personagens, mas reitera como o evento objetivamente ocorre, fenômeno ressaltado pelas reações dos diversos outros membros da família, que buscam abolir a presença do Gregor-inseto. Nessa dinâmica:

É como se o inseto, apesar de encarcerado no seu quarto, fosse sentido o tempo todo em cada canto da casa. No final, aliás, a irmã diz isso com todas as letras, quando exclama: “Esse bicho nos persegue, expulsa os inquilinos, quer ocupar a casa inteira e fazer-nos dormir na rua”. Não é preciso dizer que nesta fala se consuma, de uma maneira cristalina, uma outra metamorfose – a metamorfose da família (CARONE, 2007, p. 240).

É reiterado por Carone (2007) como o herói da narrativa, apesar de não aparecer mais para os outros personagens como uma pessoa, com pensamento racional e valor, ele ainda se mantém com sua consciência e seus sentimentos, apesar de estar deformado e ser excluído da dinâmica familiar. O protagonista, portanto, ainda capta e compreende os eventos que se sucedem em sua casa, com as expressões e atitudes de seus membros familiares, nunca deixando de ser Gregor, em que “ele se comporta como sendo ele mesmo – e nessa medida ele é empurrado para o isolamento e a solidão (para acabar na exclusão)” (CARONE, 2007, p. 240).

A morte do personagem é comemorada pela família, fato destacado por Carone (2007), que reitera como o fenômeno é vivenciado como uma libertação. Além disso, o pesquisador ressalta como é possível associar *A Metamorfose* com “Luftmensch (literalmente: “homem aéreo”)), como a qual Marx, por exemplo, designa o cidadão sem ocupação definida ou desligado do processo material da produção, e que por isso mesmo “esvoaça” no contexto social” (2007, p. 242). Nessa via de reflexão sobre as expressões da obra sobre sujeito e trabalho, Castro & Leão (2020) ressaltam como o discurso dos personagens permite perceber transformações narrativas que invisibilizam o sofrimento do trabalhador, dispondo de estratégias de defesa que buscam renormatizar o sujeito, estabelecendo uma relação dialógica com seu contexto que o imerge em processos sócio-históricos de organizações produtivas.

Freire & Zeferino (2020) ressaltam como, em decorrência de Gregor Samsa deixar de realizar a mesma estratégia comunicativa, deixando de estabelecer, em conjunto, uma relação de confiança com os outros membros de sua instituição familiar, há uma inclusão dele da comunidade moral que eles formam em seu próprio contexto. Gera-se, portanto, uma imputação moral que decorre de problemas de comunicação entre os membros, gerando uma exclusão sistemática do protagonista.

Será explicitado por Merçom (2010) como o evento da metamorfose é um acontecimento que possui características opostas ao cotidiano, pois é “da ordem do sobrevir, de caráter inesperado, que transgride todas as previsibilidades do sujeito que —se vê lançado longe de suas vias habituais e projetado em sua devastação” (2010, p. 4). Ao transgredir a norma da natureza humana, torna-se impossível se apoiar em um antecedente ao acontecimento absurdo,

trazendo para a experiência um não poder ser que efetivamente ocorre, fazendo com que, pela velocidade do acontecimento, sua metamorfose sensorial ocorra mais rápido que a intelectual, realizando uma incredulidade e um despir de humanidade por parte de seus pares, mesmo que o protagonista ainda detenha sua consciência.

É possível perceber, portanto, como *A Metamorfose* permite diversas leituras possíveis, partindo do seu potencial narrativo e de imagem. Seja por uma leitura trabalhista, humanista ou de qualquer outra natureza, recuperar a imagem elaborada por Franz Kafka torna-se continuamente frutífero para a análise de diversas instâncias da existência. Considerando a presente proposta, portanto, a narrativa será pensada a partir dos dilemas contemporaneamente enfrentados pela Psicologia em um contexto de disputas narrativas acerca de como perceber, analisar e dialogar com sofrimentos atuais dos pacientes que buscam a clínica em psicoterapia.

### **REPENSANDO O SOFRIMENTO DO SUJEITO: seu tempo e sua imagem**

É defendido por Eugène Minkowski (2000), em uma leitura fenomenológica das patologias, como perceber o sofrimento não pode ser evitado ao longo da existência humana, sendo parte integrante que marca e reposiciona o sujeito no decorrer de sua vida. Embora haja tentativas de controlar o sofrer, ele não se submete a elas, devendo, portanto, compreender o que ele revela em sua vivência, pois mesmo o estado depressivo e o desamparo não são o que gera o sofrimento em si, mas são traduções dele.

A nostalgia, por exemplo, como elabora Minkowski (2000), é uma das manifestações do sofrer essenciais, já que representa a perda de algo precioso para o sujeito que pode simbolizar um desejo de retorno ou um desamparo absoluto pela perda irreparável, demonstrando o caráter individual de cada vivência que atravessa esses momentos. Como é demonstrado na narrativa de Kafka, Gregor Samsa vivia um sofrimento que não era possível de ser comunicado, que não era compreendido pelos seus pares familiares, e que, portanto, seu sofrimento, completamente humano em sua consciência, não podia ser aceito e vivenciado de forma natural, mas era continuamente reprimido e não elaborado enquanto uma chaga impossível de ser compartilhada, gerando um mal-estar familiar que, assim como a maçã que apodrece gerando sua morte, sua dinâmica familiar era apodrecida na mesma velocidade, gerando uma morte literal de um personagem que havia sido transformado e, a partir de sua transformação, deixou de ser pessoa externamente, mesmo o sendo internamente.

Essa leitura acompanha a proposta psicanalítica de Kehl (2015) acerca da clínica da depressão. É reiterado pela autora como o depressivo demanda uma temporalidade diferente daquela que a sua estrutura social estabelece como normativa, demandando uma outra velocidade de vivência e elaboração, sendo culpabilizado pela sua impossibilidade de acompanhar os processos que seus pares realizam. A psicanálise, por sua vez, por trabalhar com o tempo do inconsciente do sujeito, torna-se um ambiente propício para esse tipo de elaboração, pois dispõe de um momento de quebra da lógica externa.

Ao pensar a dinâmica de Gregor Samsa enquanto alguém que trabalha e mantém sua família e que, em um momento, não consegue mais realizar essa função por transformar-se, sendo percebido como um monstro por quem o vê de forma externa, é possível correlacionar esse movimento com um sujeito depressivo cuja reação geral, por seu aparelho psíquico demandar outra temporalidade, deprimindo-o, torna-se uma negação desse estado, como um primeiro momento da família que escondia Gregor na casa, uma impaciência, não compreendendo a demanda e a humanidade do outro, até pela expectativa de sustento que o protagonista trazia para seu contexto. Portanto, a alegoria de Gregor permite perceber que esse sujeito que se torna diferente ainda é humano, mantém sua lógica, mantém seus sentimentos, demandando um novo olhar sobre seu momento, devendo, exatamente, ser olhado e compreendido no que esse sujeito traz para a clínica, não devendo apenas ignorar ou encaixar novamente em uma lógica de trabalho, que gera essa expectativa e pressão desde o início da narrativa, gerando saídas mais criativas junto com o que é demandado e apresentado pela própria pessoa.

Além disso, o uso da metáfora em contextos de psicoterapia é de imensa relevância para a realização do trabalho psicológico, pois, como defende Minkowski (2004), a metáfora dispõe de valores diferentes do espírito de precisão da ciência exata, pois ela permite acessar os dados imediatos da consciência, que são irracionais em uma análise positivista. São exatamente esses dados que penetram na personalidade do sujeito, sendo importante trabalhar com novas formas de linguagem para acessá-los e dialogar com o sujeito, como a apresentação de histórias para compreender suas reações, que tocam o indivíduo, e deixam exatamente essas reações entrarem em contato no processo terapêutico. Pensar criativamente em como trabalhar junto do paciente, sem reificá-lo, é essencial para promover um processo que não venha a se repetir em um novo sofrimento que irá manifestar-se com o mesmo núcleo, por não pensar criticamente em sua origem e na dinâmica na qual o indivíduo está inserido.

Em seu estudo acerca de uma abordagem fenomenológica sobre o luto, Freitas (2013) revela como o mundo ocidental evita a angústia e a dor psíquica, afastando a morte do cotidiano e da vida pública. Evoca-se, novamente, como a imagem promovida pela *Metamorfose* é certa ao pensar esses procedimentos de evitação, escondendo os sujeitos que são acometidos pela angústia e condenando-os, de forma solitária, a achar resoluções para suas questões, sem haver uma escuta qualificada sobre esse sofrimento e suas razões e manifestações. Encarar esses fenômenos percebidos como “negativos”, na realidade, permite exatamente compreender sua dinâmica para deixar de viver como algo insuportável e impossível de ser compreendido.

Por fim, ressalta-se a importância da perspectiva transdisciplinar ao dialogar com fenômenos dessa natureza, aqui compreendida como uma “dinâmica gerada pela ação de vários níveis de Realidade ao mesmo tempo” (NICOLESCU, 2018, p. 54). Isso se justifica, pois, como presentemente apresentado, as leituras semióticas e de literatura permitem desvelar potenciais de um texto que dão a base para uma leitura psicológica, além de abrir para novas formas de observar o texto e a imagem que ele apresenta. Especialistas no campo literário permitem, portanto, previamente estabelecer significados possíveis para dialogar junto do paciente que busca a psicoterapia, criando formas criativas de pensar as relações que ainda são possíveis de serem realizadas a partir de textos clássicos, além de apresentar novas obras contemporâneas potenciais de expressividade e análise.

Uma Psicologia que se fecha em si mesma torna-se pobre de potenciais criativos para perceber narrativas e imagens, além de tornar-se inapta para compreender a complexidade estrutural em que está inserida junto com o próprio sujeito que busca a psicoterapia. Portanto, torna-se impossível dispensar um contínuo contato com outros campos das Ciências Humanas para fortalecer a base epistemológica na qual se estrutura a análise.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente trabalho buscou demonstrar como, na contemporaneidade, abordagens como a Psicologia Positiva, que defende um novo olhar sobre o sujeito, estruturando uma narrativa transformadora e inovadora ao percebê-lo em seus potenciais positivos, embora já haja trabalhos que desmentem essa premissa, também pode servir como um olhar psicológico apropriado por outros sujeitos que estruturam uma dinâmica cotidiana de reificação das pessoas enquanto indivíduos que servem para produzir e consumir, demandando novas formas de viver e pensar. Essas formas devem, necessariamente, estar atreladas a um ideal ético por parte dos

psicólogos, devendo comprometer-se com a análise das condições em que o sujeito que busca a psicoterapia está inserido, com suas especificidades e características gerais compartilhadas de um contexto que é ditado pela dinâmica neoliberal, devendo comprometer-se com uma análise que não sirva apenas para reinseri-lo na mesma condição que previamente gerou o seu sofrer.

É de imensa importância perceber que esse sujeito que não se adapta às condições geradas por um contexto capitalista neoliberal pode ser auxiliado, tanto para o terapeuta quanto para o paciente, a partir da narrativa de *A Metamorfose*, de Franz Kafka, compreendendo a humanidade que sempre está no sujeito, mesmo depois de tornar-se inseto. E dessa reação do contexto sobre esse indivíduo que não se encaixa mais nos moldes de normalidade e de “humanidade” geral, é importante trabalhar contemplando as condições nas quais os sujeitos que vivem o sofrimento psíquico estão inseridos, humanizando seu sofrer, ouvindo-o e não o culpabilizando por sua condição, buscando apenas reinseri-lo na mesma dinâmica social em que previamente estava estabilizado.

Portanto, para a realização desta atividade, defende-se a contínua realização de uma Psicologia transdisciplinar, que não se feche em si mesma e que, continuamente, busque o contato com outras áreas do conhecimento que advêm das Ciências Humanas. Áreas como a Literatura ou a Sociologia demonstram um potencial imensurável para a análise do sujeito que sofre, pois o sofrimento em si, mesmo inerente ao viver humano independentemente do local e das condições, deve ser percebido por sua razão e pelo que está sendo comunicado, dependendo das condições nas quais esse indivíduo está inserido, exatamente para não reificá-lo e reinserrindo em uma dinâmica de contínuo adoecimento mental.

## **REFERÊNCIAS**

CAMBAÚVA, Lenita Gama; SILVA JUNIOR, Mauricio Cardoso da. Depressão e neoliberalismo: constituição da saúde mental na atualidade. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 25, p. 526-535, 2005.

CARONE, Modesto. O parasita da família: sobre A metamorfose de Kafka. **Literatura e Sociedade**, v. 12, n. 10, p. 237-243, 2007.

CASTRO, Alexandre de Carvalho; LEÃO, Luís Henrique da Costa. A metamorfose e o campo da saúde mental de trabalhadores: uma análise bakhtiniana. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, p. 3615-3624, 2020.

CUÉLLAR, David Pavón. Subjetividad y psicología en el capitalismo neoliberal. **Revista Psicología Política**, v. 17, n. 40, p. 589-607, 2017.

FREIRE, Paulo Alexandre Trindade; ZEFERINO, Hilário Mariano dos Santos. Sobre a Metamorfose de Kafka e a ética da cooperação. **Argumento**, n. 16, p. 21-30, 2020.

FREITAS, Joanneliese de Lucas. Luto e fenomenologia: uma proposta compreensiva. **Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies**, v. 19, n. 1, p. 97-105, 2013.

KAFKA, Franz. **A Metamorfose**: seguido de O Veredicto. São Paulo: L&PM Editores, 2001.

KEHL, Maria Rita. **O tempo e o cão**: a atualidade das depressões. São Paulo: Boitempo Editorial, 2015.

MERÇON, Francisco Elias Simão. O motivo da Metamorfose em Franz Kafka. **Casa: Cadernos de Semiótica Aplicada**, v. 8, n. 2, 2010.

MINKOWSKI, Eugène. A noção de perda de contato vital com a realidade e suas aplicações em psicopatologia. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 7, p. 130-146, 2004.

MINKOWSKI, Eugène. Breves reflexões a respeito do sofrimento (aspecto prático da existência). **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 3, p. 156-164, 2000.

NICOLESCU, Basarab. **O Manifesto da Transdisciplinaridade**. São Paulo: Triom Editora, 2018.

PRIETO-URSÚA, María. Psicología Positiva: una moda polémica. **Clínica y salud**, v. 17, n. 3, p. 319-338, 2006.

REPPOLD, Caroline Tozzi *et al.* Felicidade como produto: Um olhar crítico sobre a ciência da psicologia positiva. **Avaliação Psicológica: Interamerican Journal of Psychological Assessment**, v. 18, n. 4, p. 333-342, 2019.

RÍOS, Luis Fernández. Una revisión crítica de la psicología positiva: historia y concepto. **Revista colombiana de psicología**, v. 17, p. 161-176, 2008.

RUSK, Reuben D.; WATERS, Lea E. Tracing the size, reach, impact, and breadth of positive psychology. **The Journal of Positive Psychology**, v. 8, n. 3, p. 207-221, 2013.